

# A Busca da Solidão e a Difusão da Leitura

Betânia Gonçalves Figueiredo\*

## Abstract

---

This article focuses on the spread of literacy in modern times, a process that was accompanied by a strengthening of the concept of individuality. Those who learned how to read wanted to be alone and practiced a form of solitary reflection which was possible even in the presence of others. The evolution of the modern individual occurred in part because of this new way of reading, *silent reading*.

**Key Words:** Reading.

---

## Resumo

---

O objetivo deste artigo é mostrar que a difusão da leitura, no período moderno, veio acompanhada de transformações que indicavam o fortalecimento da individualidade. Aqueles que se habilitavam à leitura desejavam estar sós, buscavam a reclusão interior, possível mesmo diante da presença de outros. A constituição do indivíduo moderno relaciona-se com um novo tipo de leitura: a leitura silenciosa.

**Palavras-Chave:** Leitura, Público/Privado, História Moderna, Cultura

---

*"Se queres aprender a rezar, vai para o mar"*  
(Palavras de Sancho Panha)

O corte temporal proposto neste trabalho visa abordar mais detidamente o momento considerado crucial para a constituição da noção de identidade no período moderno. Para tanto não será nosso objetivo determos em um autor específico, mas nas transformações culturais, mentais, político-econômicas que conformaram estas mudanças e que, posterior-

---

\* Profª. do Departamento de História da UFMG, doutoranda em História Social do Trabalho pela USP.

mente, tornaram-se objeto de análise e teorização de filósofos e cientistas sociais. Entre estas mudanças nos interessa de modo especial o movimento que modifica o hábito da leitura. É na constituição do período moderno em que se efetiva o movimento entre a leitura coletiva, realizada em voz alta, pública para a leitura individualizada, leitura silenciosa. Neste percurso em direção à interiorização da leitura pressupõe-se um novo posicionamento do sujeito diante do mundo e são os vínculos entre a busca da solidão e a interiorização da leitura nosso interesse de reflexão.

Se buscarmos identificar, em linhas gerais, o cenário que compõe e em que se desenvolve a constituição do mundo moderno, podemos perceber, entre outros aspectos, uma nova definição da esfera privada e da pública. Os homens passam a reverenciar o próprio pensamento - o cogito (Descartes) - como definidor da sua história. Há uma delimitação entre o espaço religioso e o espaço laico, que pode ser evidenciada tanto na esfera política como na forma de conhecer a natureza. A secularização do conhecimento abre os horizontes do mundo com uma nova possibilidade de investigação do cosmo: o longo trajeto, muitas vezes perigoso, entre o mundo fechado e o universo infinito<sup>1</sup>.

Uma das características fundamentais de todas as mudanças apontadas anteriormente baseia-se na constituição da individualidade. Os sujeitos se rebelam contra a vida regrada da religião que pauta os modos de pensar, viver, inquirir a natureza etc. Os limites impostos pela sociedade feudal, um mundo restrito ao espaço do feudo, marcado pelo tempo da natureza - quando se iniciam as chuvas, o tempo da colheita, ou a medida eclesial (os dias dos santos, as badaladas dos sinos, as horas das missas, o tempo do nascimento e da morte) começam a ser alargados, tanto simbolicamente como nas atividades cotidianas.

Espaços intermediários começam a ser formados/requisitados. O espaço das florestas é um destes, procurado por aqueles que buscam um espaço/refúgio do mundo coletivo que, andam como errantes - às vezes considerados loucos ou perturbados - que precisam evadir-se do espaço tradicional, precisam da reclusão, do isolamento. É o espaço por onde transitam os heróis dos romances, cavaleiros errantes que vagam solitários, não por loucura, mas por escolha. O espaço das florestas passa a ser utilizado como um refúgio temporário para aqueles que necessitam fugir, escapar do espaço coletivo e insistentemente público. São indícios de que a separação entre o espaço público e o privado vai, aos poucos, definindo-se mais nitidamente. Ocorrem mudanças em face da religioso fundamentais para esta nova atitude. A introspecção passa a fazer parte dos movimentos

<sup>1</sup>KOYRÉ, A. *Do mundo fechado ao universo infinito*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; São Paulo: EDUSP, 1986.

de encontro com Deus. O caminho da salvação não é alcançado apenas pela participação em ritos, numa passividade submissa, mas também por uma transformação de si mesmo<sup>2</sup>.

Entre estas mudanças, uma especialmente nos chama atenção, por colaborador para o desenvolvimento ou aprofundamento da idéia do indivíduo, qual seja: a difusão da leitura com os seus crescentes leitores e ouvintes e, concomitantemente, o aumento do número de impressos (a partir da invenção dos tipos móveis). Todo este movimento não ocorre de modo isolado. A demanda dos novos leitores, ávidos por informações que ultrapasassem o mundo no qual estavam inseridos, é fácil de ser constatada entre os séculos XV e XVI. Como boa parte da população européia não estava habilitada à leitura, os ouvidos são apurados para se ouvir melhor: relatos, histórias de aventuras, missas, livros de hora, sermões, a ponto de um autor respeitável<sup>3</sup> chamar o século XVI como "o século da audição". O interesse por ouvir histórias desperta o interesse por lê-las, e aponta um dos caminhos para que o indivíduo se constitua como tal, pois uma das formas de ler é retirando-se para um espaço íntimo; que possibilite recolhimento e reflexão. O mundo coletivo vai se reestruturando e apresentando espaços para o registro do individual. Neste sentido a arte do retrato na pintura é exemplar. Há toda uma preocupação em reproduzir não uma cena anônima, com personagens que podem situar-se em qualquer lugar: agora o interesse está em retratar o indivíduo, valorizá-lo em toda a sua glória e esplendor.

Os homens, valorizando sua individualidade, ambicionam a glória. Para Hobbes<sup>4</sup>, mais do que bens e fortuna, a busca da glória e da honra são objetos do desejo e interesse do homem renascentista. Hobbes almeja glória e honra individuais.

Estas mudanças interferem na forma de se lidar com o saber, o conhecimento. Para os antigos, a contemplação desinteressada da verdade, da natureza, bastavam. Arquimedes não encontrava nenhum interesse em divulgar as suas observações. O mesmo não podemos observar em Galileu, que enfrenta problemas com a Inquisição justamente porque divulga seus conhecimentos e descobertas. Os seus problemas se iniciam ao se tornarem públicas suas aventuras pelo mundo da pesquisa e do conhecimento. Ele insiste em continuar publicando e os seus problemas com a Inquisição se avolumam<sup>5</sup>. Uma das primeiras punições que a igreja impõe a Galileu é

<sup>2</sup>DUBY, G. A emergência do indivíduo. In: DUBY, G. (org). História da vida privada: da Europa feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (vol.II). p.

<sup>3</sup>FEBVRE, Lucien. O homem do século XVI. Revista de História, ano I, nº1 jan/março 1950. SP: USP

<sup>4</sup>RIBEIRO, Renato Janine. Hobbes: o medo e a esperança. In: WEFFORT, Francisco (org). Os clássicos da política. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1991, vol. I.

<sup>5</sup>REDONDI, P. Galileu herético. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

proibir a reimpressão de todas as suas obras.

Há uma mudança na concepção do saber. A biblioteca medieval, - tão bem reproduzida nas imagens construídas por Umberto Eco em "O nome da Rosa" - é, aos poucos, incendiada. Na obra citada, literalmente, e no período moderno, simbolicamente. O espaço do saber sacerdotal, inacessível para muitos, é substituído por um saber que concebe a idéia de progresso, de trabalho coletivo, retoma-se a noção de laboratório juntamente com uma discussão que tende a positivar o trabalho manual, as artes mecânicas. O conhecimento vai, aos poucos, tornando-se bem público. Neste contexto, a difusão da leitura e dos textos impressos ganham importância. Dentro desta nova concepção de saber, a circulação das informações - pela imprensa - colabora para um saber que se acredita cumulativo.

Para Palissy, ceramista francês no século XVI, mesmo aqueles que não se tivessem habilitado a ler os clássicos e que não tivessem passado por uma formação clássica, podiam contribuir para o conhecimento da natureza, pois detinham um conhecimento prático e exatamente nisto consistia o valor do seu conhecimento: praticidade<sup>6</sup>. A natureza volta a ser comparada com um livro, mas um livro aberto a espera dos homens para folheá-lo, investigá-lo e conhecê-lo. Se antes a imagem do saber e do conhecimento construída no período medieval se efetivava pela intermediação divina, esta interferência se ameniza, se modifica. O conhecimento laiciza-se.

Dentro deste contexto é que gostaríamos de investigar os vínculos entre a difusão da leitura e a constituição da individualidade. A nova possibilidade de leitura do período moderno - a leitura silenciosa - caminha de mãos dadas com uma nova posição do sujeito diante do mundo. Só a partir da conquista de maior espaço privado há a possibilidade do desenvolvimento da leitura íntima, pessoal, reclusa.

Os tipos móveis de Gutemberg<sup>7</sup> e, conseqüentemente, a invenção da imprensa vieram substituir, não completamente, o trabalho dos copistas ampliando as possibilidades de reprodução dos textos. As iluminuras, os livros manualmente transcritos continuam circulando nos séculos seguintes ao da invenção dos tipos móveis e de seus aprimoramentos. Mais do que possibilitar um maior número de leitores, este avanço técnico permitiu satisfazer uma necessidade de reclusão que já vinha dando sinais da sua existência. Agora qualquer pessoa que tivesse proximidade com a leitura podia retirar-se para refletir silenciosamente. O ato de ler, mesmo na presença de outras pessoas, transforma-se em um ato íntimo, uma leitura silenciosa, só para si. As medidas dos índices de alfabetização são bastante

<sup>6</sup>ROSSI, P. *Os filósofos e as máquinas: 1400-1700*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>7</sup>A mudanças técnicas necessárias para a difusão dos textos impressos não se restringem apenas às inovações dos tipos móveis. Há todo um movimento neste sentido como, por exemplo, a substituição dos pergaminhos por papel, mudanças na tinta, proliferação dos tradutores e copistas, entre outras.

falhas, mas a presença das assinaturas nos atos jurídicos é um dos sinais procurados pelos historiadores que desejam conhecer, por exemplo, as pessoas alfabetizadas ou com familiaridade com a leitura e escrita entre os séculos XVI/XVIII. A taxa de alfabetização na Inglaterra salta de aproximadamente 30% em meados do século XVII para quase 70% em meados do século seguinte, isto entre os homens. A mesma proporção pode ser observada no mesmo período na Inglaterra e na França<sup>8</sup>.

O saber ler, incluindo-se aí a possibilidade de acesso ao material de leitura proporcionado pelo advento da impressão, vem responder a todo um movimento que se dirige para o indivíduo. Saber ler é ter mais uma forma disponível de estar só, fugir da intermediação dos homens da Igreja nas interpretações dos textos religiosos ou de qualquer outra pessoa ou grupo que detivesse esta habilidade/poder, é estar livre do controle do grupo. Saber ler é uma forma de conquistar a individualidade, afirmar a liberdade diante do grupo.

Montaigne, filósofo (séculos XVI/XVII), escreve na primeira pessoa não por acaso, pois para ele o conhecimento de si é o mais necessário e o mais útil ao homem, além de ser condição de uma vida virtuosa<sup>9</sup>.

No período moderno o papel que o homem desempenha é de sujeito, daí a possibilidade de conhecer e fazer sua história, atuar no seu destino. Esta noção de sujeito é localizada no período moderno, enquanto na filosofia cristã o sujeito é Deus e na filosofia grega o sujeito está fundamentado na ordem do todo.

Poder ler e escrever, dispor de livros, de informações que não se restringem aos relatos orais e às regras transmitidas pela tradição indicam um dos momentos marcantes desta mudança. Neste campo, poder-se recolher para escrever e ler é um exercício de privacidade e assim surgem os diários íntimos, as autobiografias, a confissão individualizada. Apesar do aumento no número de leitores que ocorreu após a invenção da imprensa (barateando os custos dos livros) é interessante observar que este aumento se localizava nos textos religiosos. Entretanto, a forma de se relacionar com a religião sofreu mudanças vertiginosas, todas elas indicando introspecção e solidão. O "best-seller" do século XVI foi a bíblia, não só em latim, mas traduzida em diversas línguas, acompanhada por temas religiosos como missais, breviários, livros de hora, obras místicas.

Evidentemente o movimento literário não se restringiu ao material religioso. Houve um verdadeiro esforço de divulgação dos textos em latim e dos autores da antiguidade, caminho este facilitado e encaminhado pelos

<sup>8</sup>CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Vol III.

<sup>9</sup>BIRCHAL, Telma de Souza. Montaigne e a Modernidade. *KRITERION*. Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, n.86, p.77/92, agosto a dezembro/1992. p.78.

humanistas. Já em meados do século XVI, os manuscritos eram consultados apenas por eruditos. A partir daí o número de bibliotecas não pára de aumentar, e o público leitor, como já era de se esperar, não se restringe aos togados e eclesiásticos. Os leitores de calendários, livros de piedade, almanaques, livros de hora e romances de cavalaria são outros. O trabalho dos tradutores é cada vez mais requisitado. Há fome de leitura. Como estes "famintos" lêem é outra história. O caso pesquisado por Guinzburg<sup>10</sup> do moleiro de um lugarejo italiano no "quinientos", que foi perseguido pela Inquisição, ilustra um ponto fundamental: cada um, cada indivíduo lê e interpreta como quer e pode. No caso do moleiro do lugarejo Uldine as interpretações encaminham-se para uma nova cosmologia: o mundo teve sua origem na putrefação. A partir daí é possível imaginar as complicações do pobre moleiro italiano com a Inquisição. Ele não se continha e divulgava, entre as pessoas que o procuravam, suas divagações, muito pouco convencionais mas extremamente pessoais/individuais, sobre a origem do mundo. Por que o pobre moleiro não se calou, pensou alto com os outros e para os outros, comentou as leituras que realizava solitariamente, tornou pública sua interpretação pessoal?

Mesmo tratando-se da leitura dos textos religiosos convencionais, a possibilidade de livre interpretação estava dada. Lutero, ao divulgar as suas teses, lança mão de um procedimento costumeiro para as questões polêmicas: afixa as suas 95 teses na porta da igreja em 1517. As portas da igreja eram o espaço para a publicidade de questões eruditas, polêmicas. Isto no início do século XVI, mesmo século dos avanços que possibilitaram a extraordinária ampliação do número de leitores: a invenção da imprensa. Com este movimento de afixar suas idéias que criticavam a Igreja Católica, Lutero sinaliza uma das idéias contidas no movimento da reforma: os homens devem interpretar (não livremente) os textos sagrados. Para tanto devem saber ler não só para acompanhar, de forma diferenciada, os cultos religiosos como também para, quando recolhidos em seu isolamento, dar continuidade aos atos religiosos.

O que é marcante neste período, dentre outros aspectos que indicam uma disposição e ao mesmo tempo uma imposição da privacidade no seu sentido moderno, é o movimento da leitura e da sua difusão como um dos caminhos para o encontro consigo mesmo, para o estabelecimento do mundo privado e íntimo. A mágica de se poder estar só mesmo na companhia de outros. Esta idéia é fundamental na constituição do homem moderno enquanto sujeito da sua própria história. A conquista da leitura silenciosa poder ser considerada um dos símbolos deste homem, que aos poucos, lança as bases para novos movimentos.

---

<sup>10</sup>GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.